

# HISTÓRIAS QUE NINGUÉM CONTA

Isa Ravacci

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

## Centúria e um

Nos anais da História, conta-se que havia um pequeno reino, que se chamava Lamúria e ficava entre as colinas de Astúrias. E nesse reino, havia um rei que precisava casar, para um herdeiro gerar, mas ele não sabia se isso era sorte ou azar, como achar, entre tantas, uma boa consorte?

Nesse reino também havia uma mulher que era de morte. Ela chamava Lambis Goya, não era nobre, mas ascendente de um pintor de grande glória, Goya viria a ser seu parente. Ela também queria se casar, de preferência com a Realeza, queria ser rainha, até se contentava em ser princesa, mas não tinha nenhuma beleza, porém o que lhe sobrava era um tanto de esperteza. Como conseguir pôr em prática essa proeza? Para alcançar seu intento, ela estremunhou uma tramoia, apelou à magia um invento que iria levá-la à vitória.

No reino da Lamúria havia dois magos. Um se chamava Florido e o outro Malpago. Lambis Goya se aventurou, queria fato consumado, que o rei a tornasse esposa através de trabalho mágico encomendado.

Florido disse que o rei acreditava em tudo, religioso era crente, político capcioso. Ao ouvir o papo furado, Lambis Goya entrou em fúria, então Malpago resolveu usar astúcia,

ocorreu-lhe a ideia de enfiar o rei pelos canos, faria a Centúria e Um, como se fora de Nostradamus:

No dia de Lamúria  
O povo sairá à rua  
logo que tocar o sino  
aparecerá no horizonte  
um grande e poderoso equino  
que trará no intestino  
uma princesa/rainha  
que por destino e sorte  
do rei será a consorte.  
Se o rei não aceitar  
haverá doença e morte,  
mas se ele se casar  
seu reino será o mais forte.

Malpago, que era ladino, fez a Centúria e Um chegar ao destino, logo nas mãos do rei, que lendo acreditou em tudo e deu-lhe força de Lei.

Porém havia um Conselheiro, que se chamava Zangão, logo que soube da notícia, botou nisso malícia e resolveu fazer uma investigação.

Enfim vamos parar de enrolação, entrar no mérito da questão.

No dia de Lamúria  
o povo saiu à rua  
no desfile triunfal  
viram todos no horizonte

geringonça colossal,  
vinha sobre quatro rodas  
um enorme cavalo de pau.

O rei ficou exultante, cumprira-se a Centúria e Um e, no mesmo instante, quis pegar o microfalante, mas oh! que impressionante! Pegou, enganado, a corneta.

Zangão, que esperava passivo, surgiu de uma claraboia e se pôs a berrar, denunciando a todos aquela tramoia: Centúria é um cento, não existe cento e um, aquilo é o Cavalo de Troia, recheado de pecados, tome tento rei poltrão, isto é uma invasão!

O rei ficou confuso, pois lhe faltavam parafusos, corne-teou um som de ataque. Imediatamente os soldados, que na festa usavam fraque, espetaram mil espadas e o cavalo caiu num estrondoso baque.

Destroçado, o Cavalo de Troia — o recheio foi revelado, levava tão somente a Lambis Goya que, jazendo morta entre sedas e joias, estava estendida num leito aveludado.

Também foram denunciados o Florido e o Malpago. Para remendar o estrago, o rei os destituiu do ofício de ser magos e lhes deu nomes novos: Espinhela Caída e Lumbago.

Desde então, conta-se que, no reino de Lamúria, só houve confusão. O rei foi destituído e o povo é que passou apertado, tudo por vingança de um tal Florido e de seu parceiro Malpago.



## O hóspede

Meu celular avisou e tudo o que eu não esperava era aquele recado in box. Era do meu amigo que havia partido, com a noiva, num cruzeiro pelo Caribe. E todo mundo sabe como é caro um sinal de internet quando se está num navio... Deduzi que deveria ser algo importante. Parei o carro na primeira vaga que encontrei.

A primeira coisa que visualizei foi uma foto. Um jovem com a pele muito clara, cabelos loiros, lisos e finos como os de um bebê. Os olhos eram amarelos como os de um gato e o sorriso, muito largo, deixava à mostra os dentes alinhados e muito brancos.

Apesar de ser uma figura estranha, simpatizei logo com o sujeito. Sou assim, num primeiro contato sinto atração ou rejeição. E a história que vai rolar tem muito a ver com essa impressão.

Logo depois, meu amigo o apresentava: “este é o Natan Darad. Um amigo. Fala pouco o português. Espero que você não fique brava, porque peço que o hospede em sua casa. Sei que você está precisando de alguém para dividir o aluguel. Eu me comprometo a arcar com as despesas.

Já sei o que pensou! Não, não vai precisar cozinhar. Ele só come alimento cru. Sei que posso contar com o seu apoio, você é a minha amiga mais amada!!! Beijo, beijo, beijo.

E cuidado com as suas samambaias”.

Suspirei. Esse meu amigo só me punha em saia justa. Colocava dentro de minha casa um estrangeiro crudívoro. É certo que estava aliviada por ter arranjado alguém para dividir o aluguel, mas me aborrecia pelo fato da escolha não ser minha. Em anos vivendo em república, morara com os mais variados tipos. Tivera decepções, surpresas, situações agradáveis, muita conversa jogada fora, o que me tornou mais seletiva. Na verdade, preferia morar sozinha, mas as despesas estavam engolindo o meu salário, então decidi arranjar alguém que não me trouxesse problemas.

Bom, meu amigo estava em alto mar e eu não poderia deixar o moço no olho da rua. Mas assim que ele voltasse, ia ter que me contar a história nos mínimos detalhes...

Logo que cheguei à frente de meu prédio, visualizei a figura estranha. Vestia calça jeans e camiseta branca. Tinha uma mochila depositada no chão e patins nos pés. Mas por que figura estranha? Porque era muito magro e alto, ou melhor, altíssimo, tanto que teve de abaixar para entrar no elevador...

Já no meu apartamento, mostrei-lhe o banheiro, o quarto, a área de serviço. Ele nada falava, só ria e mostrava os dentes brancos. Achei que dada a sua estatura, ele não ia servir na cama, arranjei um banquinho esperando que melhor lhe acomodasse as pernas. Ele aprovou com um sorriso.

Meu hóspede não saía, falava muito pouco. Passava horas olhando à janela ou na área de serviço, onde cultivava seu alimento. Comia sementes germinadas. Não assistia TV, pouco

usava o celular e não participava de nenhuma rede social. Tinha sempre à mão um grande mapa da cidade de São Paulo, que marcava com uma caneta de ponta luminosa. Nossa comunicação se restringia ao necessário. Não pude saber nem mesmo a sua nacionalidade. Quando ele não entendia o que eu perguntava, sorria e me dizia o seu nome. Isto me desconcertava e eu deixava para lá.

Aparentemente, tinha apenas uma muda de roupa. Talvez dormisse nu, pois deixava as roupas no banheiro, após o banho noturno.

Eu não ficava em casa. Trabalhava em dois empregos e, frequentemente, fazia plantões noturnos. Saía com amigos, com quem me encontrava em estações do metrô ou em pontos estratégicos. Meu apartamento funcionava quase como uma casa-dormitório. Servia para as necessidades naturais de higiene e descanso, simplesmente. Mas com a presença do hóspede, comecei a refletir sobre o rumo de minha vida. Optara pela estrita solitude, sem envolvimento. Nos outros apartamentos, casais conviviam, se tocavam, partilhavam seus desejos, medos e pecados; trocavam ideias e farpas. Quanto a mim, eu e as paredes.

Vinte e cinco dias depois, recebi outro recado de meu amigo. Estaria chegando em cinco dias, para o meu alívio e socorro. Se por um lado o meu hóspede não me dava trabalho, também não era a melhor das companhias. Sua presença começara a tomar vulto na casa. E a interferir na minha vida. Uma presença sempre calada, pois não se esforçava em aprender a nossa língua e me incomodava com aquela vida completamente sedentária. Só saía para comprar sementes, sempre com os patins nos pés...

---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2023.

---